

# Uma leitura do córrego barbado na paisagem urbana de Cuiabá

A reading of barbado stream in the urban landscape of Cuiabá

*Suíse Monteiro Leon Bordest*<sup>1</sup>

Resumo: Este artigo objetiva apresentar reflexões sobre alguns aspectos conceituais e práticos referentes às mudanças ocorridas no âmbito da bacia hidrográfica do Barbado, um córrego da paisagem urbana da cidade de Cuiabá, MT, atualmente canalizado. Alguns de seus afluentes, sucumbidos à ação antrópica, chegam a desaparecer. O texto baseia-se nos exemplares da pesquisa bibliográfica e de nossas próprias pesquisas e trabalhos publicados sobre o assunto, entre o final do século IX e XX.

Palavras-chave: Córrego Barbado. Paisagem urbana. Vegetação ciliar.

Abstract: This article aims to present reflections on some conceptual and practical aspects regarding changes which have occurred in the scope of the Barbado river basin, a stream in the urban landscape of Cuiabá, MT, currently channeled. Some of its tributaries, succumb to anthropic action and even disappear. The text is based on copies of bibliographic research, our own research and works published on the subject, between the end of the nineteenth and the twentieth century.

Keywords: Barbado Stream. Urban landscape. Cilliary vegetation.

---

<sup>1</sup> Geógrafa, Mestre em Geografia, Doutora em Geociências, Membro efetivo do IHGMT desde 1997. [bordest@uol.com.br](mailto:bordest@uol.com.br)

## Apresentação

Os rios sempre foram dos mais importantes recursos para sobrevivência da humanidade. No Brasil, o dilema de rios nas áreas urbanas constitui problema que afeta destino de muitas cidades, mobilizando governos e sociedade civil. Ao destacar o córrego Barbado na paisagem urbana de Cuiabá, capital de Mato Grosso, o artigo ressalta a questão hidrográfica, um dos desafios contemporâneos e de relações sociedade e ambiente que ocorre em nível planetário, regional e local. Baseia-se nos exemplares da pesquisa bibliográfica consultada e de nossas próprias pesquisas e trabalhos sobre o assunto, já publicados (BORDEST, 2003).

Na perspectiva interpretativa, ambiente é o lugar das inter-relações sociedade e natureza. Assim, ao ler e interpretar aspectos ambientais na bacia do Córrego Barbado é possível desvelar a ação humana na sua transformação. Entende-se com esse olhar a possibilidade de contribuirmos para a “formação de sujeitos capazes de compreender o mundo e agir nele de forma crítica” como sugere Carvalho (2004).

Nossa observação sobre o córrego Barbado inicia-se na década de 1980, quando juntamente com graduandos em Geografia da UFMT, percorríamos essa bacia hidrográfica de nascente à foz, registrando relações entre relevo, ambiente e sociedade. Essas pesquisas possibilitaram debates com o público acadêmico e publicações em momentos diversos: Nos Anais do “Seminário Educação 94” (GT Educação e Meio Ambiente), registra-se o trabalho intitulado “Porque os rios morrem: o caso Barbado”:

Há algum tempo o córrego Barbado era limpo e saudável. As pessoas usavam suas águas para beber, pescar e nadar. Nas suas margens, a população dispersa vivia em sítios e chácaras de lazer. Havia muito cerrado, campo e estreita faixa de mata perfilava o canal. Mas, a cidade foi crescendo e avançou para suas margens. Aos poucos o córrego Barbado foi morrendo. (BORDEST, 1994, p. 197).

Nos anos subsequentes continuamos estudando a bacia com colegas e alunos (as) bolsistas participantes das pesquisas e de modo especial com a colaboração da colega Profa. Dra. Miramy Macedo responsável pelo levantamento florístico nas margens do Córrego Barbado, reunido nas tabelas do livro intitulado “*A bacia do córrego Barbado, Cuiabá, Mato Grosso*” (BORDEST, 2003).

Outras publicações sobre o Córrego Barbado seguiram-se, voltadas para a Educação Ambiental com destaque ao trabalho no Curso de Especialização “A Bacia Hidrográfica como Unidade de Estudo na Educação Ambiental: Uma contribuição ao Ensino” (BORDEST, 1997), cujos questionamentos levantados permitiram a continuidade dos trabalhos em diferentes abordagens. Nesse trabalho contamos com a colaboração da Profa. Denise de Oliveira Alves.

O artigo que segue caracteriza a bacia do Barbado e alerta para a necessária mudança de atitude quanto às práticas adotadas na expansão urbana e o necessário exercício da cidadania que se inicia pela educação e atenção às leis ambientais.

As nascentes do Barbado encontram-se nos divisores de água das bacias Quarta-Feira, Moinho e Ribeirão da Ponte, nas proximidades do Centro Político-Administrativo de Mato Grosso - CPA. Perfazendo um curso de 9.400 m de extensão, até confluir com o rio Cuiabá, o córrego Barbado iminente-mente urbano, percorre diversos bairros da cidade, bordejando paisagens variadas e convive com grupos sociais diversos, em poder econômico, em escala social, conseqüentemente, diversificado nas trajetórias de vida e de sobrevivência.

Ao mesmo tempo, como lembra Siqueira (2003, p. 11) “[...] o córrego Barbado continua a testemunhar a expansão urbana de Cuiabá, pois viu nascer, na década de 1970 do século XX, o Centro Político-Administrativo de Cuiabá o CPA, observou a abertura das primeiras vias de acesso e, hoje, aborrecido constata e sofre a poluição sonora e de detritos advinda do congestionado trânsito de pessoas e veículos automotivos que circulam na Avenida do Historiador Rubens de Mendonça”.

Os estudos sobre impactos ambientais em bacias hidrográficas vêm cada vez mais merecendo atenção da sociedade, sendo inclusive citados nas legislações de vários países, entre eles o Brasil, oferecendo a possibilidade de melhor organização e mobilização da sociedade na reivindicação dos seus direitos legalmente constituídos. Assunto recorrente que merece continuamente destaque nas manchetes da mídia.

A situação de precariedade em que se encontra atualmente a bacia do córrego Barbado, afluente do rio Cuiabá, expressa muito bem as condições das demais bacias urbanas que afluem para o referido rio Cuiabá, um, dos mais importantes afluentes do rio Paraguai, que drena o Pantanal Mato-grossense. (BORDEST, 2003).

Neste texto, a leitura que fazemos da referida bacia hidrográfica na paisagem urbana de Cuiabá volta-se para a caracterização da bacia e da vegetação que perfila as margens do Córrego, com base nos registros obtidos por Bordest e Macedo no final do século XX e publicados no início do século XXI, demonstrando a devastação que vem sofrendo a referida vegetação.

### Caracterização da Bacia do Barbado

Conforme Bordest (2003) a área onde se insere a bacia do Barbado é constituída de rochas pré-cambrianas pertencentes ao Grupo Cuiabá, as quais sofreram no passado muitos eventos de dobramentos, fraturas e intrusões de quartzo leitoso e foram posteriormente arrasadas a cotas inferiores a 200m. As rochas xistosas, em geral filitos, estão expostas nos cortes de estradas e margens de leitos do córrego e seus afluentes, apresentando-se em lâminas finas *ferruginizadas* e bastante alteradas tomando o aspecto de folhelhos deixando-se partir facilmente segundo os planos de xistosidade. Nos setores de *embaciamentos* e nas confluências ocorrem espessas camadas de sedimentos recentes, suscetíveis à erosão.

A bacia do Barbado que aflui para o rio Cuiabá tem forma grosseiramente retangular, acha-se posicionada em direção NNE-SSW.

Seus afluentes são estreitos (2 a 3 metros de largura) e bem encaixados (1 a 2 metros de profundidade) em média.

O fundo do leito em V ocorre entre vertentes de forma convexo-côncavas ou retilíneas cujos topos guardam feições de aplainamento.

Esses afluentes, em geral curtos, são pouco ramificados e atualmente sucumbidos à ação antrópica chegam a desaparecer. As bacias de captação de água de chuva praticamente já desapareceram. O próprio canal principal, atualmente, já foi retificado e canalizado em vários trechos e tem projeto para se tornar totalmente artificial. Paulatinamente novos trechos do córrego vão sendo canalizados.

Da cabeceira (225m) a foz (140m) de altitude o gradiente é relativamente fraco, por volta de 85 m de desnível, entretanto considerando-se as baixas altitudes predominantes, a reduzida área da bacia e a pequena extensão do córrego além de outros fatores que interferem na dinâmica ambiental, pode se dizer que a atenção dada ao desnivelamento hipsométrico da bacia não deve ser desprezada.

### Compartimentação geomorfológica da Bacia do Barbado

A carta hipsométrica da bacia do Barbado, confeccionada para esse estudo com base no mapa Chave Altiplanimétrico de Cuiabá em escala original 1:10.000, e relacionada a outros componentes socioambientais, facilitou a visualização da bacia como um todo e permitiu sua compartimentação em 5 partes, tomando por base algumas avenidas.

*Cabeceiras do Barbado* - Localizam-se à média encosta do divisor de águas que separa suas nascentes das dos córregos Quarta-Feira, Moinho e Ribeirão da Ponte. Nesse divisor posiciona-se o Centro Político e Administrativo - CPA, que teve influência sobre o direcionamento da urbanização da cidade na década de 1970.

Nas cabeceiras do Barbado, o relevo mostra-se mais acidentado, os topos e altas vertentes estão em altitudes mais elevadas de 225m, sustentados por filões de quartzo aurífero entre filitos alterados, os quais explicam a presença de áreas degradadas pelo garimpo em atividade no local na década de 1970.

As nascentes do Barbado na margem esquerda da Avenida Rubens de Mendonça, próximo a 13<sup>a</sup> Brigada de Infantaria Motorizada, já sofreram modificações, devido ao crescente processo de urbanização e degradação, apesar de sua proximidade com os órgãos governamentais do Meio Ambiente, que desqualificou sua situação de Área de Preservação Permanente - APP. Aí foram erigidas edificações governamentais na primeira década de século XXI.

*Alto Curso* – Trecho compreendido entre a Avenida Rubens de Mendonça e João Gomes Sobrinho, entre cotas de 200 a 175m de altitude. Os bairros Morada do Ouro, Terra Nova, Jardim Aclimação, Bela Vista, Canjica, Bosque da Saúde, Pedregal e Loteamento D. Bosco incluem-se neste setor.

Nos topos e encostas dos interflúvios, a ocupação humana vem avançando rapidamente, destruindo a vegetação. Entretanto, no vale do Barbado, em alguns trechos, esta ainda se conserva, embora precariamente, já que recebe significativa carga de esgoto de diferentes origens.

No trecho em que o Barbado segue mais ou menos paralelo a Avenida Rubens de Mendonça ainda existe parcela significativa de vegetação ciliar, embora sejam evidentes as interferências antrópicas. Atualmente, esta vegetação integra a área de Parque Massairo Okamura, entre a Morada do Ouro e a Rua Juliano Costa Marques. Ainda neste compartimento, o Barbado perde a característica de córrego e passa a correr como um esgoto a céu aberto ao atravessar os bairros pobres como, Bela Vista, Loteamento Dom Bosco e Carumbé.

Ao longo do canal já totalmente desfigurado e com arruamentos marginais, as moradias de baixa renda chegam até o canal em cujas margens a vegetação ciliar foi totalmente retirada.

*Médio Curso* – Trecho compreendido entre a Avenida João Gomes Sobrinho e a Avenida Fernando Correa da Costa, em cotas de 175 a 160m de altitude, com desnível aproximado de 15m. Estão no âmbito deste compartimento, além do Campus da UFMT, os seguintes bairros: Jardim das Américas, parte do Jardim Itália, Pedregal e Jardim Leblon. Nestes bairros, onde se observam diferentes padrões de habitação, seus moradores despejam seus esgotos sem tratamento prévio e restos de construções no referido canal, contribuindo para o avanço da erosão, assoreamento e dos consequentes alagamentos. Neste trecho o córrego Barbado vem se modificando por sucessivas obras de engenharia.

*Baixo Curso* – Trecho hoje canalizado compreendido entre a Avenida Fernando Correa a 160m de altitude e a Avenida Beira Rio a 150m de altitude, sendo o desnível de apenas 10 m.

Fazem parte os seguintes bairros: Jardim Leblon, Jardim Tropical, Grande Terceiro, parte do Jardim Califórnia. As margens estão hoje ocupadas por duas avenidas marginais asfaltadas e urbanizadas com atividades comerciais, estabelecimentos de ensino entre outras.

A baixa declividade deste trecho do Barbado, bem como a amputação de pequenos afluentes, propiciam o alagamento nos meses chuvosos, quando o lençol freático aflora e as águas pluviais não encontram vazão. Estes fenômenos que tornam a área de risco, não são naturais, mas decorrem do mau uso do solo urbano. Portanto, retificação e cimentação de canais, impermeabilização de suas margens com asfalto substituindo a mata ciliar constituem a principal agressão ao meio ambiente neste setor do Barbado.

O trecho canalizado e cimentado do Barbado não trás apenas o problema do assoreamento do leito, da ausência da vegetação, das inundações trás também o problema da formação de ilhas de calor e da perda da umidade ao longo do mesmo; além da desfiguração total da paisagem incompatível com o bem estar social, mas coerente com as atitudes próprias do sistema econômico que tem no lucro imediato seu principal objetivo.

*Foz do Barbado* – Entre a Av. Beira Rio ou Manoel José de Arruda (160m de altitude) e a confluência do Barbado com o Cuiabá quando o córrego ainda não tinha sido canalizado, apresentava manchas de vegetação ciliar e resquício de cerrado e de herbáceas de várzeas nas margens, apesar de desfiguradas pelo uso do solo.

Este trecho é parte de uma planície inundável nos períodos de cheia, que no decorrer do ano, apresenta aspecto brejoso, confirmando sua condição de APP- área de preservação permanente. Incluem-se nesta parte do Barbado, pela margem esquerda, aglomerados urbanos do bairro Praeirinho e pela margem direita, comerciantes que exploram areia drenando o leito do rio Cuiabá. Ampliam-se neste setor, espaços que estão sendo ocupados por recentes instalações de estabelecimentos de ensino privado, comerciais e prédios residenciais.

### Caracterização da vegetação na Bacia do Barbado

A caracterização e levantamento florístico nas margens do córrego Barbado realizados pela Prof. Dra. Miramy Macedo (2003), são testemunhos de um passado recente.

No final da década de 1990, da nascente à foz do Barbado registra-se uma vegetação em devastação com destaque às seguintes características conforme Macedo (2003).

Nascente e Alto Curso, onde a área apresentou o maior número de 26 famílias e 50 espécies nativas (Tabela 1). Neste percurso foram registradas as famílias mais abundantes que são: Fabaceae e Mimosaceae, ambas com 12 espécies, as demais com números inferiores a estes.

Esta é a área que melhor representa a mata de galeria deste manancial, e onde se localiza o Parque Massairo Okamura ou Reserva do CPA. Nesta área a vegetação predominante é de Cerrado, acompanhada de Capoeira, onde se encontram representantes como a “Mamona”, *Ricinus communis* e “Taquara- de- espinho”, *Croton* sp.

Na área em estudo as plantas exóticas têm como representantes o “Capim-jaraguá” *Andropogon rufus* (Tabela



2), que formam touceiras, marca visual da derrubada e queimada.

No Médio Curso, o registro de plantas nativas (Tabela 1) foi de 18 famílias e 37 espécies. As famílias mais diversificadas foram Mimosaceae e Bignoniaceae, ambas com 06 (seis) espécies cada uma. Nesta área há uma degradação maior consequente de assentamentos evidentes como o bairro Jardim das Américas, principalmente na sua margem direita. Já na sua margem esquerda, onde se localiza a UFMT encontramos a paisagem menos perturbada como Cerrado, próximo ao Zoológico. Na estrada da Universidade há formação de bosque com uma variedade de espécies como “Jenipapo” *Genipa americana* “Gonçaleiro” *Astronium fraxinifolium* e “Mogn”o *Swetenia macrophylla*.

As plantas exóticas são representadas por 5 famílias e 5 espécies (Tabela 2). Dentre as espécies destacam-se “Flamboyan” *Delomix régia* e “Goiabeira” *Psidium Guayava*. Na parte da capoeira está presente o “Capim - Colonião” *Panicum maximum*, formando também touceiras quase que impenetráveis, exibindo a derrubada constante.

No Baixo Curso e Fóz registrou-se 15 famílias e 27 espécies nativas (Tabela 1), sendo as famílias diversificadas: *Arecaceae*, *Euphorbaceae* e *Poraceae*, apresentando 2 espécies cada uma.

Esta área é a mais impactada com canalizações e presença do bairro Praeirinho.

Próximo a confluência registrou-se o “Sarã” *Alchoenea castanaefolia*. “Ingazeiro” *Inga sp.*, “Tarumã” *Vitex sp.*, mostrando realmente uma fisionomia de Mata de Galeria.

As plantas exóticas (Tabela 2) são em número de 14 famílias e 17 espécies. A família melhor representada é a *Anacardiaceae* com três espécies: o “Cajueiro” *Anacardium occidentale*, “Mangueira” *Mangifera indica* e Seriguela *Spondias sp.*

As espécies frutíferas frequentes nos quintais do referido bairro são trazidas e plantadas pelos seus moradores.

Um levantamento florístico semelhante a este no manancial urbano Ribeirão da Ponte, também tributário do rio Cuiabá, feito por Loureiro (1994) constatou 48 famílias e 118 espécies nativas, sendo a maior diversidade ocorrida no médio curso, onde se registrou a Reserva Mãe Bonifácia, seguida do Alto Curso e depois Baixo Curso onde está inserida a Mata do Mineirinho.

As exóticas foram registradas em número de 20 famílias e 23 espécies, sendo sua maior concentração no Médio Curso e menor concentração no Alto curso. Já no manancial em estudo, constatou-se 55 famílias e 119 espécies nativas, e sua abundância está na nascente e Alto curso onde se encontra a Reserva do CPA, seguido do Médio Curso, depois do Baixo Curso e Foz.

As exóticas catalogadas foram em número de 20 famílias e 23 espécies, tendo sua maior diversificação no Baixo Curso, seguida do Médio Curso, depois da Nascente e Alto Curso.

Esta comparação nos leva a interpretar que, quanto mais intensa a ocupação desordenada do local, maior será a diminuição da cobertura vegetal e dos tributários do rio, uma vez que desaparecem as bacias de captação de águas pluviais e os canais de primeira ordem, submetidos ao aterramento.

### Considerações finais

Dando lugar a loteamentos, edificações, arruamentos, canalizações, etc., as áreas verdes de Cuiabá foram desaparecendo nas últimas décadas. O Barbado é um exemplo de córregos urbanos que agonizam transformados em esgotos ao céu aberto ou tapados com cimento. Para contribuir na formação de sujeitos capazes de compreender o mundo e agir nele de forma crítica reafirmamos o desejo de despertar a atenção da comunidade cuiabana para a necessária proteção de mananciais hídricos.

Embora carecendo de um registro atualizado da vegetação ciliar na bacia do Barbado, a comparação entre aquela registrada nos Quadros 1 e 2 da década de 1990 e a situação que visualizamos atualmente, após trinta anos,

mostra uma assustadora devastação da cobertura vegetal que perfilava o córrego nos últimos 50 anos.

Para elucidar essa situação apresentamos os Quadros 1 e 2 com registros da vegetação marginal do córrego na década de 1990 que podem ser comparados com a situação atual da vegetação no Alto, Médio e Baixo cursos do Barbado.

Na esteira do fenômeno ambiental que hegemoniza o planeta no início do século XXI e no tricentenário da cognominada “Cidade Verde” retomamos Bordest (1994, p.197): *Somos todos responsáveis pela preservação e conservação do meio ambiente e desse modo pela qualidade de vida que almejamos.*

FIG 1 - TABELA I E TABELA II

Tabela I - Levantamento Florístico de Plantas Lenhosas Nativas do Córrego Barbado - Cuiabá, MT.

Familia/Espécie	Nome vernacular	Curso Barbado		
		Nascente e Alto Curso	Médio Curso	Baixo Curso e Foz
1. Amaranthaceae				
1.1. <i>Alteranthera micrantha</i> R. E. Fries	Desconhecido			
2. Anacardiaceae				
2.1. <i>Astronium fraxinifolium</i> Schot.	Gonçaleiro			
2.2. <i>Astronium</i> sp.	Desconhecido			
3. Annonaceae				
3.1. <i>Annona coriacea</i> M.	Araticum			
3.2. <i>Xylopia grandiflora</i> St. Hil.	Imbira vermelha			
4. Apocynaceae				
4.1. <i>Himatanthus obovatus</i> var. <i>Velutinus</i> (Muell. Arg.) Woodson.	Angélica			
4.2. <i>Himatanthus</i> sp.				
5. Arecaceae				
5.1. <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiúva			
5.2. <i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	Acuri			
5.3. <i>Bactris glaucescens</i> Drude.	Tucum			
6. Asclepiadaceae				
6.1. <i>Asclepia</i> sp.	Herva-de-rato			
7. Asteraceae				
7.1. <i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Assa-peixe			
8. Bignoniaceae				
8.1. <i>Cybistax antisiphilytica</i> M.	Pé-de-anta			
8.2. <i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	Piúva			
8.3. <i>Tabebuia</i> sp.	Ipê			
9. Boraginaceae				
9.1. <i>Cordia</i> cf. <i>insignis</i> Cham.	Cafezinho			
10. Caesalpinaceae				
10.1. <i>Bauhinia bauhinioides</i> Mart.	Unha-de-vaca			
10.2. <i>Bauhinia</i> sp.	Unha-de-vaca			
10.3. <i>Cassia</i> sp.	Angico-branco			
11. Capparidaceae				
11.1. <i>Capparis</i> sp.	Mussambê			
12. Clusiaceae				
12.1. <i>Kielmeyera rubriflora</i> Camb.	Pau-santo			
13. Combretaceae				
13.1. <i>Combretum laxum</i> Jacq.	Pombeiro-branco			
14. Convolvulaceae				
14.1. <i>Ipomoea</i> sp.	Batata-brava			
15. Connaraceae				
15.1. <i>Connarus</i> cf. <i>favons</i> Planch.	Pimenteira			
15.2. <i>Rourea</i> cf. <i>camptoneura</i> Radlk.	Desconhecido			
16. Dilleniaceae				
16.1. <i>Curatella americana</i> L.	Lixeira			
17. Ebenaceae				
17.1. <i>Diospyros hispida</i> A. D. C.	Olho-de-boi			
18. Erythroxylaceae				
18.1. <i>Erythroxylum</i> sp.	Pimenta-do-campo			
19. Euphorbiaceae				
19.1. <i>Alchornea castanaefolia</i> A. Juss.	Sarã			
19.2. <i>Croton</i> sp.	Taquara-de-espino			
19.3. <i>Maprounea</i> sp.	Desconhecido			
19.4. <i>Ricinus comunis</i> L.	Mamona			

20. Fabaceae				
20.1. <i>Andira cuyabensis</i> Benth.	Morcegueira			
20.2. <i>A. inermis</i> H.B.K.	Morcegueira			
20.3. <i>A. multistipula</i> Ducke.	Morcegueira			
20.4. <i>Ornosia paraensis</i> Ducke.	Tento			
20.5. <i>Bowdichia virgilioides</i> H.B.K.	Sucupira-preta			
20.6. <i>Dalbergia violacea</i> (Vog.) Malme.	Jacarandá-branco			
20.7. <i>Desmodium adescendens</i> D.C.	Desconhecido			
20.8. <i>Dipteryx alata</i> Vog.	Cumbarú			
20.9. <i>Pterocarpus</i> cf. <i>amazonicus</i> Huber.	Desconhecido			
20.10. <i>Sweetia</i> sp.	Desconhecido			
20.11. <i>Vatairea macrocarpa</i> Benth. Ducke.	Angelim-do-campo			
21. Flacourtiaceae				
21.1. <i>Casearia sylvestris</i> SW.	Chá-de-frade			
22. Gentianaceae				
22.1. <i>Djanira erubescens</i> Chamet. Schbeck.	Desconhecido			
23. Hippocrateaceae				
23.1. <i>Salacia elliptica</i> (Mart.) G. Don.	Siputá			
24. Lamiaceae				
24.1. <i>Leonotis neptaeifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão S. Francisco			
25. Malpighiaceae				
25.1. <i>Banisteria</i> sp.	Taquara-espinho			
25.2. <i>Banisteriopsis lutea</i> (Griseb.) Cuatr.	Desconhecido			
25.3. <i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.	Canjiqueira			
25.4. <i>Galphimia brasiliensis</i> A. Juss.	Quininha			
25.5. <i>Heteropteris helicina</i> Griseb.	Desconhecido			
26. Melastomataceae				
26.1. <i>Alisanthera</i> cf. <i>uniflora</i> (Vahl.) Gleason	Desconhecido			
26.2. <i>Mouriri cauliflora</i> DC.	Roncador			
26.3. <i>Mouriri guianensis</i> Aubl.	Coroa-de-frade			
27. Meliaceae				
27.1. <i>Swetenia macrophylla</i> King.	Mogno			
28. Mimosaceae				
28.1. <i>Acacia multipinnata</i> Ducke.	Desconhecido			
28.2. <i>Albizia lebbeck</i> Benth.	Bambu			
28.3. <i>Albizia</i> sp.	Bambu			
28.4. <i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico			
28.5. <i>Calliandra surinamensis</i> Benth.	Balão-chinês			
28.6. <i>Calliandra</i> sp.	Tiborna			
28.7. <i>Enterolobium</i> cf. <i>maximum</i> Ducke.	Orelha-de-negro			
28.8. <i>Inga</i> cf. <i>affinis</i> DC.	Ingá			
28.9. <i>Inga</i> sp.	Ingazeiro			
28.10. <i>Platymenia reticulata</i> Benth.	Vinhático			
28.11. <i>Stripnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville.	Barbatimão			
29. Myrtaceae				
29.1. <i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Orvalheira			
29.2. <i>Eugenia</i> sp.	Orvalheira			
30. Ochnaceae				
30.1. <i>Ouratea castanafolia</i> Engl.	Brinco-de-ouro			
30.2. <i>O. nitida</i> Engl.	Brinco-de-ouro			
31. Olacaceae				
31.1. <i>Heisteria</i> cf. <i>scadens</i> Ducke.	Desconhecido			
31.2. <i>Myrcia</i> sp.	Desconhecido			
32. Onagraceae				
32.1. <i>Ludwigia natans</i> Ell.	Desconhecido			
32.2. <i>Ludwigia</i> sp.	Chapel-de-couro			
33. Poaceae				
33.1. <i>Bambusa</i> sp.	Bambu			
33.2. <i>Guadua</i> sp.	Taquara-de-espinho			
33.3. Indeterminado	Desconhecido			
34. Polygonaceae				
34.1. <i>Coccoloba</i> cf. <i>paniculata</i> Meissen.	Novateiro-manso			
35. Rhamnaceae				
35.1. <i>Rhamidium elaeocarpum</i> Reiss.	Cabriteiro			
36. Rubiaceae				
36.1. <i>Alibertia edulis</i> A.C. Rich.	Marmelada-bola			
36.2. <i>Anisomeris</i> sp.	Rebenta-laço			
36.3. <i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo			
36.4. <i>Guettarda viburnoides</i> Cham.	Veludo			
36.5. <i>Tocoyena formosa</i> Cham.	Marmelada-bola			
37. Sapindaceae				
37.1. <i>Magonia pubescens</i> St. Hil.	Timbó			
37.2. <i>Sapindus saponaria</i> L.	Saboeiro			
37.3. <i>Serjania erecta</i> Radlk.	Timbozinho			
38. Sapotaceae				
38.1. <i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Fruta-de-veado			
39. Simaroubaceae				
39.1. <i>Simarouba amara</i> Aubl.	Desconhecido			
39.2. <i>S. versicolor</i> St. Hil.	Pé-de-perdiz			
40. Sterculiaceae				
40.1. <i>Guazuma ulmifolia</i> Lamb.	Chico-magro			
41. Tiliaceae				
41.1. <i>Luehea speciosa</i> Willd.	Açoita-cavalo			
42. Verbenaceae				
42.1. <i>Aegiphila</i> sp.	Desconhecido			
42.2. <i>Vitex cymosa</i> Bert.	Tarumã			

Tabela II - Levantamento Florístico de Plantas Exóticas do Córrego Barbado - Cuiabá, MT

Familia/Espécie	Nome vernacular	Curso Barbado		
		Nascente e Alto Curso	Médio Curso	Baixo Curso e Foz
1. Anacardiaceae				
1.1. <i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro			
1.2. <i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira			
1.3. <i>Spondia</i> sp.	Seriguela			
2. Araceae				
2.1. <i>Xanthodoma</i> sp.	Inhame			
3. Boraginaceae				
3.1. <i>Cordia mixa</i> L.	Desconhecido			
4. Caesalpiniaceae				
4.1. <i>Delonix regia</i> (Bojer) Raf.	Flamboyan			
5. Caricaceae				
5.1. <i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro			
6. Combretaceae				
6.1. <i>Terminalia catappa</i> L.	Sete Copas			
7. Chrysobalanaceae				
7.1. <i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Oiti			
8. Lauraceae				
8.1. <i>Persea americana</i> Mail.	Abacateiro			
9. Malvaceae				
9.1. <i>Hibiscus esculentus</i> L.	Quiabo			
10. Musaceae				
10.1. <i>Musa</i> sp.	Bananeira			
11. Moraceae				
11.1. <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira			
11.2. <i>Morus nigra</i> L.	Amoreira			
12. Myrtaceae				
12.1. <i>Psidium guayava</i> L.	Goiabeira			
13. Nyctaginaceae				
13.1. <i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Primavera			
14. Poaceae				
14.1. <i>Andropogon rufus</i> Kunth.	Capim-jaraguá			
14.2. <i>Panicum maximem</i> Jacq.	Capim-colônião			
14.3. <i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar			
15. Rutaceae				
15.1. <i>Citrus</i> sp.	Limoeiro			
16. Solanaceae				
16.1. <i>Solanum esculentum</i> Dum.	Tomateiro			

## Referências

- BORDEST, S. M. L. Porque os rios morrem. O Caso Barbado. In: Paradigmas em movimento. *Anais do Seminário Educação Ambiental 94*, p. 20-23, 1994). P. 197.
- BORDEST, S. M. L. *A bacia do córrego Barbado*. Cuiabá. Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica Print, 2003.
- BORDEST, S. M. L. *A bacia hidrográfica como unidade de estudo na Educação Ambiental: Uma Contribuição ao ensino*. Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada CRHEA-EESC-USP. São Carlos, SP. 1997. Monografia (Conclusão de Curso de Especialização em Educação Ambiental do CRHEA/EESC/USP).
- BORDEST, S. M. L e MACEDO, M. Caracterização da Bacia do Barbado. In: (Org. BORDEST, S. M. L.) *A bacia do córrego Barbado*. Cuiabá. Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica Print, 2003. p. 30-40.
- CARVALHO, I. C. de M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MACEDO, M. Tabela 1 - Levantamento Florístico de Plantas Lenhosas Nativas do Córrego Barbado, Cuiabá, MT. In: BORDEST, S. M. L. *A bacia do córrego Barbado*. Cuiabá. Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica Print, 2003. p. 33-37.
- MACEDO, M. Tabela 2 - Levantamento Florístico de Plantas exóticas do Córrego Barbado, Cuiabá, MT. In: BORDEST, S. M. L. *A bacia do córrego Barbado*. Cuiabá. Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica Print, 2003. p. 38-39
- SIQUEIRA, E. M. *Apresentação do Livro A bacia do Córrego Barbado*. Cuiabá. Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica Print, 2003. p. 9-13.